

ESTADO E SOBERANIA NA ERA DO KNOW-WARE

Gilson Schwartz

A definição da estrutura de classes e, portanto, do esqueleto da sociedade passa hoje, mais que nunca, pelo campo simbólico.

No seu livro "The Work of Nations" ("O Trabalho das Nações", publicado por Vintage Books, New York, 1992), Robert B. Reich coloca em evidência o surgimento da "rede global" (global web). A rede é, aí, a miríade descentralizada de grupos e subgrupos econômicos conectados por todo mundo. A sobrevivência das empresas, nessa ordem de coisas, depende da sua capacidade de passar da produção de altos volumes para a produção de alto valor.

Os mercados tornaram-se cada vez mais extensos e diversificados, mas aumentaram também a necessidade e a possibilidade de fragmentação. E num mundo de unidades produtivas fragmentadas o custo da sobrevivência é a capacidade de gerar produtos de alto valor. Assim, a fronteira do progresso econômico desloca-se da produção de aços para a de

Em oposição ao mundo velho onde importavam mais o "hardware" ou o "software", emerge uma economia de conhecimento, "knowledge" ou "know-ware". O traço mais visível dessa economia é ser intensiva em tecnologia. O mais importante, entretanto, é menos visível. É uma transformação na ordem social e política: a formação de redes através das quais a informação flui livremente.

especiais ou, num exemplo da indústria petroquímica, os maiores lucros estão na fabricação de produtos altamente diferenciados (química fina). Para chegar ao produto de alto valor é preciso diferenciá-lo da massificação típica da produção em grande escala.

Os exemplos poderiam multiplicar-se. Reich refere-se a um mundo descrito por Stan Davis e Jim Botkin no último número da Harvard Business Review: o mundo em que as fronteiras do crescimento econômico são vencidas por negócios intensivos em conhecimento ("Knowledge-based business"). Um pneu que

informa a pressão do ar interior ou roupas cuja temperatura se altera de acordo com as variações do ambiente já são exemplos primários dessa nova economia. A economia em que tanto para produzir como para consumir é preciso estar informado. Onde consumir é sinônimo de passar por um aprendizado, é ser educado. O alto valor é um resultado direto da *sofisticação* dos produtos. Mas sofisticação não é sinônimo de luxo. É uma ampliação das fronteiras da utilidade, como na fralda que muda de cor quando fica molhada.

A informação e a educação fazem parte, portanto, do coração pulsante da nova era de desenvolvimento industrial. É necessário tanto gerar consumidores (criando emprego, estimulando a atividade produtiva) quanto gerar os meios para que eles sejam educados e informados. Educação e cultura são aspectos essenciais da economia em "rede global". São a chave da globalização atual e signo do capitalismo do século 21.

A empresa de alto valor não pode ser organizada como as antigas pirâmides: trabalho mecânico e embrutecido, repressão, hierarquias enormes e incontáveis exércitos de trabalhadores. Reich indica três grupos que agregam mais valor à empresa global: os

"problem-solvers" (resolução de problemas), "problem-identifier" (identificação de problemas) e "strategic brokers" (intermediários estratégicos). Identificar e resolver problemas depende da construção de redes de comunicação cada vez mais ágeis e sofisticadas. O "team work" (trabalho em equipe) torna-se fundamental. As soluções estratégicas são encontradas apenas mediante um processo inter-departamental e interdisciplinar. Dependem, portanto, da operação de redes.

Em oposição ao mundo velho onde importavam mais o "hardware" (infraestrutura) ou o "software" (formas padronizadas de organização), emerge uma economia de conhecimento, "knowledge-ware" ou "know-ware". O traço mais visível dessa economia é ser intensiva em tecnologia. O mais importante, entretanto, é menos visível. É uma transformação na ordem social e política: a formação de redes através das quais a informação flui livremente. Ou seja, em que não exista um centro fixo. O centro pode estar em qualquer. Nowhere (lugar nenhum): o espaço é virtual e o que interessa é estar "on-line", em "tempo-real". Nesse contexto todas as direções são possíveis, se o organismo social tiver a agilidade e a flexibilidades suficientes.

Difícilmente alguém poderá reduzir essa economia operando em redes de conhecimento compartilhado a algo mecânico e determinado. Ao contrário, a sua operação depende como nunca de fatores informacionais. Daí a relevância da política, que muita gente pensava abolida pela tecnologia. Fazer política, por exemplo, industrial, é produzir informação relevante e consistente para a tomada de decisões empresariais. Ao mundo global associa-se, portanto, uma nova economia política das redes.

A nova onda de inovação tecnológica, talvez ao contrário das anteriores, coloca em primeiro plano uma repolitização ou ressocialização dos processos econômicos. A velha temática marxista da alienação do trabalho no processo produtivo precisa, portanto, de uma revisão extensa. Em contraponto às teorias do valor-trabalho e do valor-utilidade, abre-se cada vez mais o campo de uma teoria do valor-informação.¹

A organização social requer a multiplicação de instâncias terapêuticas

Desde Freud abrem-se novas fronteiras que redimensionam o alcance da *humanidade*. O que há

de comum nas várias formulações é a multiplicação de *instâncias terapêuticas*: da conformação de políticas industriais que passam pela constituição de câmaras setoriais à proliferação dos *gurus* de administração inovadora e participativa nas organizações, passando pelas inúmeras teorias que examinam o universo das culturas organizacionais e pela acumulação de Organizações Não-Governamentais (que praticamente definem um novo paradigma de organização da cidadania).

Trata-se de instâncias terapêuticas na medida em que a regulação do processo já não ocorre a partir de uma autoridade pressuposta ou imposta mas sim através da renegociação permanente de códigos e regras. Essa renegociação instaura comunidades linguísticas aparentadas à lógica da ação comunicativa defendida por Habermas, em contraponto à lógica estritamente instrumental que caracterizou a fase anterior de desenvolvimento capitalista. Os processos de democratização têm sido especialmente relevantes na ampliação desses espaços de reprodução social.

¹ Cf. Schwartz, G (1993), J.M. Keynes e a Lógica da Política Econômica, tese de doutoramento, Unicamp, mimeo, para uma discussão do campo simbólico na teoria econômica, especialmente para a consideração das políticas econômicas como exemplos próximos ao que Wittgenstein entendia por "jogos de linguagem".

As questões do Estado e da soberania devem ser resposta nesse contexto de globalização e informatização terapêutica

As regulações de Estado conhecidas nas últimas décadas foram:

- welfare system
- substituição de importações
- regulação financeira

Esses elementos do sistema de regulação econômica, vigentes desde o pós-guerra, estão todos em crise. As novas políticas de Estado devem passar pelo reconhecimento e percepção progressivos do novo paradigma organizacional do tipo "Know-ware". Isso inclui grande prioridade a políticas de informação, educação, renda mínima, políticas industriais setoriais e regulamentação financeira. Cada um desses tópicos comportaria extensa análise, inviável nesses espaços. É oportuno, entretanto, sublinhar a importância que ainda terão as novas regulações de Estado, mais flexíveis e internacionalizadas. Em especial, o coração macro-econômico desse novo modelo passa pelo redesenho dos sistemas fiscais.

Finalmente, é óbvio que muito dessas avaliações carregam um certo ar *futurista* ou mesmo especulativo. Parecem definições

muito abstratas, convivendo com um sistema (não apenas no Brasil) mergulhado em desequilíbrios de toda ordem (monetários, cambiais, financeiros, produtivos, sociais etc.). Como sempre, a fronteira entre o velho e novo não é precisa.

Resumen**ESTADO Y SOBERANÍA EN LA ERA DEL KNOW-WARE**

En oposición al mundo viejo donde importaban más el "hardware" o el "software", emerge una economía de conocimiento, "knowledge" o "know-ware". El rasgo más visible de esa economía es ser intensiva en tecnología. Lo más importante, sin embargo, es menos visible. Es un cambio en el orden social y político: la formación de redes a través de las cuales la información fluya libremente.

Abstract**STATE AND SOVEREIGNTY IN THE KNOW-WARE ERA**

In opposition to the the past, when "hardware" or "software" were given more importance, an economy based on knowledge is rising. It is the "know-ware era", or simply "knowledge era". The strongest characteristic of this economy is that it is intense in technology issues.

However, what is more important is not a very strong characteristic. It is the change in social and political order: the constitution of nets through which information can flow freely.

Gilson Schwartz é professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.
